

LAURINDA RAMALHO DE ALMEIDA

Laurinda Ramalho de Almeida nasceu em Avaré, São Paulo, em 1940. Fez Primário, Ginásio e Científico em escolas públicas de Avaré, formando-se também na Escola Normal. Tendo se formado em primeiro lugar no curso de aperfeiçoamento, teve direito a uma cadeira prêmio, ingressando na Pedagogia da USP em 1960. Orientadora Educacional, atuou na rede pública estadual, passando a supervisora da área de Orientação Educacional da Secretaria de Estado da Educação. É professora da Pós Graduação da área de Educação da PUC de São Paulo e das Faculdades Oswaldo Cruz, tendo desenvolvido na sua tese de doutoramento um estudo a respeito do curso noturno.

" eu passei a limpo a minha vida de aluna e de profissional lembrando algumas coisas por conta de vir participar desta, que para mim, é uma verdadeira cerimônia. É uma coisa muito importante para mim contar esta história

eu acho que eu tenho um tributo de gratidão para com a escola pública que me formou não só como profissional, mas como pessoa. Eu acho que este tipo de gratidão eu só dou conta trabalhando no sentido de ajudar a formar pessoas para trabalhar muito bem com os seus alunos"

Identificação do Depoente

Eu sou Laurinda Ramalho de Almeida, nasci em 25 de agosto de 1940, em Avaré no Estado de São Paulo.

Infância do depoente

Eu nasci num sítio perto da cidade, foi uma infância muito gostosa, com árvores, com água, com grama, com céu muito bonito à noite, com brincadeiras. Domingos eram sempre dias muito cheios de coisas, de gente e de novidades, pois o meu pai fez questão de ter, desde o começo, uma escola que ele mandou construir perto da nossa casa. Então as pessoas dos sítios próximos vinham muito para lá.

Era uma escola rural multi seriada, ali as crianças ao mesmo tempo faziam o primeiro, o segundo e o terceiro ano e iam fazer o quarto ano na cidade, no Grupo Escolar. Quem dava aula era uma professora que se chamava Rosa de Araújo e que teve uma influência muito grande na minha vida porque na verdade ela da cidade para o sítio de jardineira. Ela chegava lá de manhã às sete e meia para dar aula das oito ao meio dia, mas depois a jardineira só passava de volta às cinco horas da tarde, então ela ficava na nossa casa toda a tarde. Foi uma convivência muito boa. Eu acabei sendo alfabetizada antes de entrar para a escola em parte por causa da convivência com ela e também porque minha avó morava conosco e tinha uma bíblia grande, destas bíblias de família e que tinha, inclusive, algumas páginas em branco no começo para escrever a história da família: nascimentos, batizados, casamentos, você ia registrando a vida da família. E essa bíblia

grande, eu me lembro nitidamente que tinha cada capítulo, que é um conjunto de versículos, começado com uma letra gótica com florzinhas, toda trabalhada. Eu gostava muito de ficar olhando estas letras, então minha avó me ensinava o nome da letra e a palavra começada por aquela letra. Então eu acabei sendo alfabetizada assim, e também com o convívio com esta professora que ficava conosco. E ela fez muito mais do que nos ensinar a ler e escrever, ela ensinou a bordar, ela ensinou uma série de coisas, como era de uma família italiana, até nos ensinou uma série de comidas italianas.

Na região tinha festa do Divino que era muito conhecida e com coisas muito interessantes, muito bonita. No nosso sítio, até porque minha família era não era muito voltada para este tipo de festas, mas eu me lembro que eu participava, eu ia em outros lugares.

Às vezes eu ia para a cidade aos domingos para assistir aos cultos na igreja, era sempre uma novidade muito grande. Lembro de uma ocasião, havia uma festa de Natal e fui assistir a festa e eu achei uma coisa linda, as pessoas, as crianças representando cenas no palco. Foi a minha primeira experiência de teatro e eu achei lindo. Era uma cidade pequena, mas para mim era a maior cidade do mundo.

Formação: Escola Primária

Daí nós fomos para a cidade e eu já estava alfabetizada, quando cheguei lá eu já estava com 8 anos completos e essa professora, dona Rosa, foi até o diretor e disse que era bobagem eu ficar no primeiro ano porque eu já sabia ler e escrever. Mas aí ele disse: “Bom, ela sabe ler e escrever, mas ela não sabe a Matemática, a História, a Geografia que devia ter aprendido nesse período de um ano”. E ela disse: “Mas isso não é problema, ela vai à minha casa e eu ensino o que falta para ela”. Nesse período ela já estava como professora do Grupo Escolar e então, eu ia à casa dela. Ela me ensinou o que eu devia ter aprendido no primeiro ano, eu prestei o exame e entrei direto no segundo ano.

Escola Primária: organização, currículo e métodos de ensino

No segundo ano, primeiro a gente tinha Português, Aritmética, História, Geografia, Ciências e tínhamos aula de Ginástica. A classe era dividida em sessão A, B e C, eu me lembro que essa minha professora do segundo ano, dona Maria de Lourdes de Moura Leite, era uma pessoa que era muito enérgica, muito exigente, mas ao mesmo tempo muito sensível. Primeiro aconteceu o seguinte, quer dizer, com as alunas da sessão A, quando terminavam ela dizia assim: “Vocês já terminaram, não vão ficar sem ter o que fazer, vão ajudar as suas colegas da sessão C”, que eram as alunas menos adiantadas. Então nós terminávamos e eu gostava de fazer isso, terminar logo a minha tarefa porque daí eu ia poder ajudar, como ela dizia, as colegas da sessão menos adiantada.

E tinha o cabeçalho, isto era um pedaço importante. Na minha escola tinha que começar assim: Grupo Escolar Maneco Dionísio. Daí o nome, o dia. Todos os dias começávamos colocando o cabeçalho. E daí, de certa forma, eu acho que fazendo hoje a leitura do ontem, a gente começava a ter, a aprender a identidade da escola. Para mim a minha escola sempre teve uma identidade que tinha aquelas professoras, que tinha aquele pátio onde eu brincava com as minhas colegas, e tinha aquelas salas de aula, e eu tinha um diretor muito bom, também.

Eu gostava quando a professora dizia: “Hoje nós vamos fazer a descrição desta cena”. E eu achava maravilhosas aquelas gravuras com cenas muito bonitas. Nós fazíamos com

esses quadros descrições ou redações. A descrição era simplesmente dizer o que a gente via no quadro, mas quando ela dizia: “Hoje a gente vai inventar uma história, a partir deste quadro”. Era essa a parte que eu gostava. Daí a gente inventava a história e depois da história ela mandava que as crianças lessem as suas histórias umas para as outras. Eu me lembro que era a parte mais gostosa da leitura porque era a nossa história que a gente ia contar. Umas crianças felizes, com muito verde, muita água, o colorido era muito bonito. E como a gente não tinha livros coloridos naquela época, aquilo realmente era maravilhoso

Escola Primária: Material Escolar

Eu me lembro, e com muita saudade, porque eu achava lindo, neste segundo ano mesmo, os quadros com gravuras, de que falei. Era uma seqüência de gravuras, 10 ou 12, que você ia tirando como se fosse uma folhinha. Uma gravura para cada mês do ano, de cerca de meio metro. Era da escola toda, não era da classe, tínhamos que ir buscar na outra classe para usar na nossa. Tinha de árvores, água e tinha umas crianças brincando na beira deste rio ou deste lago.

Nós escrevíamos nos nossos cadernos os nossos trabalhos. A gente tinha um caderno de lição, tínhamos carteiras, sentávamos duas a duas nas carteiras. As classes não eram mistas. No segundo ano acontecia também uma coisa muito interessante, a gente começava a usar caneta tinteiro. Isto é, a gente ganhava uma pena para colocar na caneta e todas as carteiras tinham no cantinho um orifício, uma espécie de um copinho com a tinta e então nós começávamos a aprender a escrever a tinta

Ah! a gente tinha uma bolsa para levar o material. Minha bolsa era marrom. A compra da bolsa era um fato muito importante na vida da gente porque a partir daquele momento você tinha uma bolsa para colocar o seu material. A gente um caderno para cada disciplina, tinha o caderno de Português, de Aritmética, de Ciências. Todos eram encapados e a cor da capa era definida pela professora. Cada classe tinha uma cor, a minha cor era vermelha. Então a gente tinha que comprar o caderno e encapar os cadernos tinham que ser assim, muito bem cuidados. A professora ensinava que ao virar a página você não podia pegar de qualquer jeito porque senão ficava, a ponta ficava dobradinha.

Escola Primária: relação professor aluno

Minha professora era muito sensível e, ao mesmo tempo, muito exigente. Não admitia brincadeiras e nos respeitava muito como alunos. Eu me lembro, por exemplo, de uma das coisas que aconteceu com ela nesse segundo ano. Nós fazíamos as nossas lições nos cadernos a lápis, mas havia determinados dias que a gente recebia um papel, uma folha imaculadamente branca, muito bonita, onde a gente devia passar as nossas tarefas a tinta. E eu gostava de fazer tudo muito certinho e me lembro que um dia era uma lição de História e nós tínhamos preparado já a lição no caderno, ela tinha corrigido e mandou passar nesta folha bonitinha. E ela passava, corrigia e nos devolvia. Então quando ela devolveu eu peguei a minha folha e olhei e era um episódio em que eu lá pelas tantas eu dizia: “...e Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá”. E eu escrevi sobrinho errado, e ela riscou de vermelho, circulou, como a gente dizia naquela época, ela carminou a palavra sobrinho. E eu peguei e olhei e devo ter feito uma cara tão triste, tão magoada de ver aquele trabalho que eu fiz com tanto carinho, riscado de vermelho, e fui me sentar. Quando tocou o sinal para o recreio, porque tocava-se a sineta e a escola inteira ouvia, ela chegou, foi até a minha carteira e disse: “Laurinda, se você quiser, enquanto as suas colegas vão para o recreio, você fica aqui e passa a limpo a sua lição, e eu corrijo outra

vez”. E eu passei e ela tirou o vermelho. Eu acho que isto para mim foi uma lição de sensibilidade, de respeito ao aluno.

O diretor, nesse Grupo Escolar, João Teixeira de Araújo, era uma pessoa austera. Eu me lembro que quando tinha que ir à diretoria falar com ele eu morria de medo, chegava, dava o recado que a professora mandava e saía logo. Todos nós tínhamos um diário e ao final do ano, a gente pedia para os professores e diretores escreverem alguma coisa no nosso diário. E ele era um diretor que não se recusava nunca a escrever no diário de aluno. Ele colocava uma poesia, uma dedicatória, extremamente sério, formal

Uniforme escolar

Bom, o nosso uniforme, o uniforme diário era saia azul marinho, blusa branca e com o emblema da escola. E o uniforme de gala para os desfiles era uma saia branca pregueada e a blusa branca também e tênis branco, meia branca, era inteirinho branco

Formação: Ginásio

Bom, terminado o primário nós tínhamos o exame de admissão que era realmente um afinamento, bastante rigoroso. Então aí eu fiz o exame de admissão e entrei no Ginásio Estadual Escola Normal Coronel João Cruz.

Ginásio: relação professor aluno

A gente já entrava assim, com medo de alguns professores, porque haviam aqueles boatos que corriam entre os alunos, imaginando que ia encontrar determinados professores muito bravos outros menos. Para ter uma idéia do nível de exigência do Ginásio eu me lembro do meu primeiro dia de aula de Português. Ele se chamava Francisco Rodrigues dos Santos, tinha feito seminário, era uma pessoa extremamente culta, muito exigente, e os alunos tinham muito medo dele. Ele nos chamava de Senhora e Senhor. Então, nosso primeiro dia de aula de Português ele entrou na sala de aula, foi até o quadro e escreveu: “O homem propõe e Deus dispõe”. E virou para a classe e disse: “Podem escrever”, e todos ficaram mais ou menos atônitos: “Escrever o quê?!” Ele disse: “Eu quero saber se vocês sabem escrever, porque quem entra no Ginásio minimamente tem que saber fazer uma redação do tipo que eu estou dando”. Eu acabei me saindo muito bem porque como eu disse, eu era de família protestante que lia a bíblia, então foi muito tranquilo escrever sobre “O homem propõe e Deus dispõe” E eu acabei me tornando muito boa aluna com ele.

Ginásio: organização, currículo e métodos de ensino

Nós tínhamos Latim, Matemática, Ciências, Português, Inglês, Francês, História, Geografia, Música, Artes, Economia Doméstica para as meninas e, para os meninos, Artes Industriais.

O professor dava aula expositiva, a gente nessa época não tinha aula de laboratório.

Atividades extra-curriculares

No Ginásio tinha coral porque a gente tinha orfeão. Então a gente tinha essas aulas extras. Ia fora do horário, para ficar ensaiando com a professora e tínhamos também exemplo, a gente tinha ginástica, aula de Educação Física, em que nós preparávamos algumas coisas para apresentar nas festividades da cidade. Nos desfiles a escola ia com toda a imponência, com o seu uniforme de gala.

Mais tarde nós tínhamos em laboratório os clubes de Ciências: clube de Química, de Física. Nós íamos até a escola, havia uma sala, e o professor conosco algumas experiências que não dava para fazer na classe, discutia alguns assuntos conosco, que tinham ficado menos resolvidos na aula, então ela fazia grupos menores, nós discutíamos, fazíamos exercícios e tal. Tínhamos também clube de Francês. A gente ia e aprendia músicas em francês e cantava as músicas. Isto era optativo, isto a gente ia lá, quer dizer, e fazia com o professor.

Quando eu estava no Colegial, havia um grêmio, que era um grêmio bastante atuante, Grêmio 22 de Setembro, que é o aniversário da escola, e este grêmio tinha um órgão oficial que era um jornal, que se chamava O Arauto. Na direção tinha um estudante que era o diretor, outro que era o redator. Os assuntos, os temas eram todos abordados por estudantes. Este diretor e este redator ia até as classes, pegavam com os alunos notícias, temas para discutir, poesias e montavam o jornal. E ele realmente tinha um estilo dos jornais da época. Os estudantes pediam a subvenção das lojas da cidade, e daí elas tinham a sua propaganda no jornal.

Além do jornal o grêmio estudantil tinha um horário semanal na rádio local, a Voz do Estudante, todos os sábados às cinco horas da tarde na Rádio Avaré. Durante a semana o diretor do programa conversava com os professores que sugeriam temas. Por exemplo, a professora de Francês tinha ensinado determinada poesia, então ela sugeria uma aluna para ir lá e declamar esta poesia. A professora preparava um contexto daquele autor da poesia e a aluna ia lá e declamava. Havia sempre o preparo de um texto que era o editorial para dar o contexto do programa daquele dia, no início do programa. E músicas, as músicas que estavam em voga no momento, informações sobre a cidade, sobre os filmes. Só havia um cinema.

Formação: colegial

Terminado o Ginásio eu fui fazer o Científico. Eu fazia o Científico de manhã e o Normal à noite. No Científico a gente começou com uma classe grande, uma classe de 50 ou 52 alunos, e ao final, no terceiro Científico, o grupo que permaneceu foi de apenas 11 alunos, quer dizer, os outros todos foram ficando pelo meio do caminho. No Científico nós tínhamos professores muito bons, muito comprometidos, e estudávamos bastante

Formação: Curso Normal

Ao mesmo tempo eu fiz a Escola Normal à noite numa escola particular da cidade, mas cujos professores eram praticamente os mesmos da escola estadual. Não deu para fazer o normal na mesma escola porque batia o horário com o Científico que eu fazia de manhã, o Normal, que na época já era no Instituto de Educação, coincidia

Optei por fazer dois cursos pois achava que fazendo o curso Normal eu teria uma possibilidade começar a trabalhar logo, coisa que o Científico não proporcionava. E foi no curso Normal que descobri que eu gostava de tudo o que se relacionava com o ensino. Apesar de ser uma escola noturna havia a obrigatoriedade, naquela época, da escola Normal ter o primário anexo para os alunos se exercitarem, observarem. Então, a nossa incumbência enquanto alunos do curso Normal era preparar exatamente as festividades, preparar com os alunos algumas coisas e observar as aulas. Eventualmente dar aula

Curso Normal: organização, currículo e métodos de ensino

A gente tinha aula de Psicologia da Educação, tinha aula de Sociologia da Educação, Biologia educacional, Prática e Metodologia. Eu me lembro muito das aulas de Sociologia.

Eu tive uma professora, Lina Brandi, e ela era professora também da Escola Normal do Instituto de Educação. Era uma pessoa que nos ensinava não só a Sociologia. Fazia a ligação muito grande com a cultura. Então eu me lembro que a gente discutia que o social só pode ser explicado pelo social. Íamos assistir um filme e depois nas aulas seguintes a gente discutia o filme com os conceitos da Sociologia imbricados. Por exemplo, li com ela, Vô noturno e Terra dos homens, Saint Exupery para discutir a solidariedade. Do Vô noturno, que é a história do primeiro vô de avião que atravessou o Atlântico, a expectativa do grupo de pilotos que ficava à espera sem saber se o companheiro chegaria ou não. Discutíamos esses conceitos de solidariedade, de coesão grupal através de livros e de filmes.

Na aula de Didática e de Metodologia nós preparávamos aulas para ir dar no Primário Anexo. O professor dividia com a turma determinados assuntos, e nós íamos e dávamos conta de dar aquele assunto. O professor ficava só assistindo. Tinha o período anterior de preparar a aula, depois de chegar na classe e dar e depois a gente fazia avaliação com a classe, era muito interessante. Era avaliado o conteúdo que a gente tinha pretendido passar, mas principalmente a comunicação, a forma que a gente tinha escolhido para fazer aquele conteúdo se tornar assimilado pelos alunos. Então se avaliava a reação da classe.

Terminado o Normal eu fiz o aperfeiçoamento. O Colégio Coronel João Cruz havia se transformado em Instituto de Educação e tinha essa possibilidade de fazer o curso de aperfeiçoamento. Nele a gente tinha Didática, Prática, Metodologia das diferentes disciplinas, tínhamos Psicologia da Educação, não tínhamos Sociologia e tínhamos Psicologia da Educação. Era um ano na minha carreira de magistério foi importante porque havia um dispositivo naquela época que era o seguinte, o aluno que terminasse o curso com a maior média ganhava o que se chamava de cadeira prêmio, isto é, não precisava ficar fazendo pontos em escolas isoladas. Tinha a oportunidade de ingressar como professor efetivo. E eu consegui esta nota, pude escolher uma cadeira efetiva no Estado e daí eu pude fazer o curso de Pedagogia condicionada. É interessante contar isso para mostrar o relacionamento que os diretores tinham com a gente. E eu tinha um diretor que era profundamente preocupado com seus alunos, conhecia a história de todos nós desde os namorinhos até os interesses mais profundos, o professor João Soares de Almeida. E ele, quando eu estava terminando o Científico e o curso Normal um dia ele me chamou na sala dele e disse: “Olha, a gente tem um aperfeiçoamento, você sabe, e o aperfeiçoamento dá direito à cadeira prêmio e se você conseguir isto, você pode fazer Pedagogia condicionada na USP. Me parece que este é um caminho muito interessante e tal”. Então, de certa forma, quem me mostrou o caminho foi ele, eu não saberia disso se ele não tivesse me apontado

Leituras

No Normal a gente estudava os clássicos: em Sociologia Durkheim, o próprio texto do Durkheim que ela nos dava os conceitos dele de educação.

Formatura

Bom, as formaturas em cidade do interior são sempre acontecimentos. No mesmo ano eu tive a formatura do Normal e do Colegial. Nesta época as formaturas eram normalmente feitas no cinema, que era um espaço grande. Então havia sempre o discurso do professor, escolhia-se o paraninfo, o patrono, e orador da turma. Daí todo mundo ia lá receber o diploma e a família toda estava lá para acompanhar emocionada.

Escolha Profissional

O professor era uma pessoa importante, à vista da minha família. Além disso na formação protestante, ler e escrever é uma coisa muito importante, até porque você, para você poder ler a bíblia e dar sua livre interpretação, você precisa dominar a leitura e escrita, então esta é uma coisa que é valorizada. O professor era considerado uma figura importante pela minha família, então na verdade, quando eu fui fazer o Científico e o Normal à noite, uma expectativa da minha família era esta. É bom fazer o Normal porque assim já tenho uma possibilidade de trabalho, e trabalhar com criança é muito bom e tal.

Vinda para São Paulo

Aí vim fazer o curso de Pedagogia, vinda de uma cidade do interior, Vejo como você realmente vai formando a sua identidade desde os tempos de aluno. Eu trouxe uma bagagem anterior de escola pública boa, forte, que me permitiu dar conta de acompanhar os estudos, apesar das dificuldades de adaptação, porque eu vinha de interior, mas deu para dar conta. E isto foi uma coisa que eu trouxe e que foi consistente na minha atuação no curso de Pedagogia.

Formação Faculdade

Fiz Pedagogia na USP. O vestibular e o primeiro ano de Pedagogia funcionavam na rua Maria Antônia. Depois nós fomos para a Cidade Universitária, foi o início do funcionamento lá. Nós tínhamos primeiro aula só de Biologia lá, as demais na Maria Antônia e aos poucos fomos indo para lá. Daí as coisas ficaram mais rareadas em termo de encontros.

Na Maria Antônia foi muito interessante porque a convivência com os colegas era muito grande. Tinha o Grêmio na Maria Antônia, também os alunos da Física, até algumas colegas namoravam os meninos da Física. Havia também o pessoal da Psicologia.

O que a faculdade trouxe de diferente para a minha formação foi, primeiro, uma sedimentação dos conhecimentos que eu havia adquirido e, para mim que vinha de uma cidade do interior, a inserção num mundo maior. Comecei a discutir problemas que eu não havia discutido antes. Na década de 60 havia uma discussão entre escola pública e escola particular muito grande. Havia aquela valorização da escola pública como a escola que realmente está voltada para os interesses da população, por interesse social. E a escola particular tem um interesse mais mercantilista. E eu me lembro que naquela época eu ficava muito dividida porque eu pensava "tenho que fazer a defesa da escola pública, mas por outro lado, tenho um tipo de formação da escola Normal particular e que foi boa"

Bom, eu estava fazendo o curso de Pedagogia e no no último ano surgiu a possibilidade de dar aula. Naquela época quem fazia o curso de Pedagogia podia dar aula também no Ginásio de Matemática e de História. E então eu fui dar aula de Matemática no Ginásio Firmino de Proença, na Moóca, numa quinta série.

O início foi extremamente penoso porque eu fui dar aula de Matemática que não era a minha especialidade. Eu vinha de um curso de Pedagogia, dominava outras matérias, mas não a Matemática. E eu entrei numa classe grande, 46, 48 alunos muito heterogênea.

Era uma classe barulhenta, com um grupo na classe que era extremamente indisciplinado e outros que acompanhavam bem. Na faculdade, no quarto ano de Pedagogia nós estávamos discutindo a Psicologia Humanista, lendo Rogers, as atitudes que ele

considera básicas: consideração positiva, autenticidade, empatia. Se você tem no relacionamento estas atitudes, se você consegue ser absolutamente transparente para o seu aluno e se coloca no lugar dele e ao mesmo tempo o aceita como ele é, a mudança vem, porque cada um de nós tem em si mesmo a possibilidade de mudança. E nesta classe um belo dia eu resolvi fazer às claras uma discussão com eles, discutimos todos os pontos e eu acertei com eles um contrato de trabalho, eu contei para eles tudo o que me incomodava, e eles contaram para mim o que incomodava a eles. E nós fizemos um contrato de trabalho e deu muito certo. O curso de Pedagogia, na verdade, me ajudou sim, a ser melhor professor do que eu seria se não tivesse feito.

Na época, o curso de Orientação Educacional era em nível de pós-graduação. Depois, em 69, que ele veio a aparecer como habilitação. Então fiz este curso ao terminar a Faculdade. Quem coordenava era a professora Maria José Werebe. Era mais voltado para o atendimento individual, mas a gente aprendeu as técnicas de orientação, de aconselhamento, de orientação de estudos, orientação familiar. O curso funcionava no Centro Regional de Pesquisas Professor Queirós Filho no mesmo prédio da Pedagogia, na Cidade Universitária. Dava cursos para professores da América Latina e especialistas e tinha a Escola de Demonstração Professor Queirós Filho, que uma exigência desses cursos desses Centros Regionais que deveriam ter uma escola de demonstração exatamente para demonstrar os métodos renovados. Ela funcionava num prédio ao lado da Pedagogia da USP e só tinha primário. O Colégio de Aplicação, que era do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, funcionava na Gabriel dos Santos.

Ensinar/Trabalhar na Formação de Professores

Depois de dar aula um ano no Ginásio Firmino de Proença, lá mesmo eu fui dar aula no curso de aperfeiçoamento, nas disciplinas de Psicologia da Educação, mas aí foi tranquilo, porque esta era a minha área. Foi muito interessante porque era uma discussão que era muito próxima a minha. Eu estava me formando professora na Pedagogia e ia discutir com eles que estavam se formando professores no curso de aperfeiçoamento. Além disso eu havia feito este curso, então eu tinha também alguma coisa para contar para eles, como é que era a minha história, no interior, comparar. Foi um período muito bom.

Olha, eram pessoas totalmente recém saídas do curso Normal, mas havia algumas pessoas de mais idade, que estavam voltando para fazer o curso de aperfeiçoamento.

Trabalhar como Orientadora Educacional

E daí eu fui ser orientadora educacional na Escola de Demonstração, que em 65 teve a sua primeira turma de 5ª série. Era uma escola novinha, começou com o 1º ano, 2º, 3º, em 65 teve a 5ª série.

Funcionava assim: nós tínhamos em 65 uma 5ª série, em 66 uma 5ª e uma 6ª, depois 5ª, 6ª, 7ª até que nós tínhamos quatro séries. E nós planejávamos tudo em conjunto, orientadora educacional, orientadora pedagógica, professores. Nós nos reuníamos, no horário semanal, um período inteiro. Ficávamos lá planejando, montando atividades, discutindo. Havia reuniões de conselho de classe, onde a gente discutia os alunos, um a um. E em função dessa discussão a gente replanejava atividades, mudava os rumos, havia uma preocupação muito grande de integrar com as famílias. Quando havia algum problema a gente chamava as famílias, discutia, e foi um trabalho. Era coletivo, o grupo de professores é que realmente tomava as decisões

Nesse período em que trabalhei como orientadora educacional, de 65 a 70, estas classes recebiam o nome de Classes Ginasiais Integradas ao Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia e por que se antes era um Centro Regional de Pesquisas? Porque o Centro Regional de Pesquisas tinha um histórico de só ter escola primária e então de repente quando se formou um segundo segmento que era o ginásial, ele teve que fazer a ligação com o Colégio de Aplicação, então aí ficou ligado ao Colégio de Aplicação. Mas com uma estrutura própria, lá havia coordenador, orientador pedagógico, educacional, e tal. E quando eu disse que não foi difícil, pelo seguinte, porque foi a primeira experiência que eu tive de fazer realmente um trabalho coletivo.

Nesta época, 65, participei do 1º Congresso sobre Ginásio Renovado patrocinado exatamente pelo Centro Regional de Pesquisas, pelo Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia e pela Secretaria de Educação. O que se considerava Ginásio renovado era aquele em que se aplicava métodos considerados mais atuais na época: estudo do meio, em que os alunos iam in loco estudar algum problema, a integração entre as disciplinas, reuniões de conselho, reunião com os professores, depois para fazer avaliação e o acompanhamento dos alunos, se fazia conselho de classe. Os alunos tinham, por exemplo, uma ficha de avaliação psicopedagógica, cada professor avaliava seus alunos levando em conta não só o seu desenvolvimento cognitivo mas as suas atitudes, interesses, habilidades, aptidões e tal. E eu, como orientadora educacional fazia a síntese destas avaliações.

Em 69 houve o primeiro concurso para Orientação Educacional no Estado de São Paulo. O Ensino Técnico já tinha orientadores educacionais na sua rede; o Secundário e o Normal, não tinham, então houve um primeiro concurso e até quem se mobilizou para que esse concurso acontecesse foi a professora Maria José Werebe, que era coordenadora do Serviço de Orientação Educacional da USP. E houve esse concurso e eu ingressei como orientadora educacional e fui orientadora educacional em duas escolas da rede em 70 e em 71, no Martin Luther King e no Padre Antônio Vieira.

E exatamente porque ingressaram orientadores educacionais na rede estadual, cerca de 120, 130, criou-se na Secretaria da Educação, no então Departamento de Ensino Secundário Normal o SEE: uma equipe de supervisão de orientação educacional que era a equipe que deveria montar um sistema de supervisão para os orientadores da rede e daí eu fui convidada para trabalhar nessa equipe, então daí eu fui para um órgão central da Secretaria da Educação.

Ensinar/Trabalhar na Formação de Professores

Eu fui para a Secretaria da Educação em final de 71, e nesta época foi promulgada a lei 5692. Houve nos anos seguintes um trabalho muito grande dos órgãos centrais da Secretaria no sentido de preparar os professores, diretores, os orientadores para a implantação desta nova lei, que trouxe modificações grandes. Tinha uma mentalidade nova no sentido de uma grande mudança. Nós não tínhamos mais, com a escola de oito anos, o afinilamento da escola de Primário para o Ginásio. Passava a ter um contínuo. Ao mesmo tempo a gente estava também recebendo muito mais alunos na escola pública, então havia também um aumento.

Por outro lado, pegando exatamente a década de 70, havia o tecnicismo nas escolas. Começou a grande preocupação com o planejamento, todas as escolas tinham que fazer os seus planos e colocar objetivos gerais, objetivos específicos, objetivos institucionais, e

toda essa preocupação. Então, nos órgãos centrais da Secretaria da Educação tínhamos esta incumbência de montar cursos, encontros, para ajudar os professores a prepararem seus planos, a elaborarem, a garantir uma integração da escola de oito anos.

Vejo que os professores, frente a estas mudanças se sentiram um pouco obrigados a fazer alguma coisa que eles até faziam do seu jeito que dava certo e, de repente, começaram a fazer de outro jeito de uma forma mecânica, preparavam muitos planos, muito bem elaborados para mandar para a Secretaria da Educação, mas na verdade aquilo não era um instrumento de trabalho para eles.

Para o aumento da demanda eu acho que eles não estavam preparados, o professor estava acostumado com uma escola pública ultra seletiva, que tinha um exame de admissão para entrar, que já era um primeiro corte, já entravam alunos melhor preparados. Depois a escola era seletiva, no meu caso, eu entrei no primeiro Científico com 50 alunos e cheguei no terceiro com 11. O professor sabia trabalhar bem com o bom aluno, mas o mau aluno ele ficava de lado, então de repente com esse aumento grande de demanda para escola pública, os professores não estavam muito bem preparados. E quando eu digo que não estavam preparados é o seguinte, é porque realmente eles vinham das suas escolas de formação atentos para um aluno médio, não era o aluno concreto que eles iam encontrar com todas as suas dificuldades.

Nesta época eu trabalhava com formação de professores no Estado e também na formação de professores trabalhava numa escola particular, Faculdade Oswaldo Cruz, com curso de Pedagogia, e eu sempre gostei de trabalhar com professores. Primeiro porque eu acho que assim, você tem a possibilidade de discutir com um grupo que está preocupado com gente, com pessoas, então isto era um dado importante para mim. Eu acho que formação, você trabalhar com ensino é você ver como é que você chega no outro, porque o ensino é uma atividade relacional e intencional, por excelência. Você tem que garantir a relação com o outro, para garantir uma intencionalidade que é aprendizagem do aluno. Então esse trabalho com pessoas, e é isso que eu discuto muito com os alunos, é muito bonito, e por outro lado ele é muito instigante porque você como professor pode preparar a sua aula, você pode planejar, levar seu roteiro bonitinho, mas sempre tem uma zona de aventura, você não sabe bem o que vai acontecer naquela aula, naquela classe, e é decorrente do fato que você vai trabalhar com pessoas que são individualidades e você também é uma individualidade. Nesse encontro com pessoas pode acontecer tudo. Então essa é uma coisa que eu achei sempre gostosa discutir, e que eu acho que na década de 70, por conta do tecnicismo, a gente acabou esquecendo de fazer essa discussão da subjetividade do professor. O professor não é bom professor porque elabora lindamente seus objetivos, suas estratégias, sua sistemática de avaliação, ele é bom professor na relação com o seu aluno, na medida em que ele consegue se comunicar, consegue enxergar o outro, e se mostrar como gente que é, antes de ser professor.

Futuro da Escola

A escola tem que se comprometer a formação da pessoa tranquilamente. Veja, eu tive uma experiência de escola pública que foi extremamente favorável. Eu devo aos meus professores de escola pública a minha formação e acho que ela é boa. Eu sempre digo que eu tive sorte de ter bons professores e bons mestres. Eu acho que bons professores foram aqueles que me ensinaram conteúdos e bons mestres foram aqueles que me ajudaram a me constituir como pessoa. E eu tive sorte de ter os dois. Mas eu acho que eu tenho uma experiência e foi muito interessante que neste final de semana quando eu

fiquei pensando, lembrando minha trajetória em escola pública, eu acho assim, eu tenho uma vivência de escola pública de aluno bem sucedido, porque eu gostava de estudar, eu estudei pelo fato de estar numa escola, numa cidade do interior, eu tinha uma quantidade menor de possibilidades de recreação, então a gente se dedicava muito à escola. Mas eu acho que por outro lado, essa escola antiga foi muito seletiva e podou muita gente no seu caminho. Então eu acho que a escola hoje é uma escola que atende ao povo todo, quer dizer, o povo entrou na escola, ele está dentro. Eu acho que essa possibilidade de acesso é uma vitória, é uma conquista e eu acho que o fato de o aluno estar dentro da escola já é um ganho. Uma experiência de que participei, em 83 e 84, e que foi muito importante chamou-se Projeto Noturno. Na verdade era Projeto de Reestruturação Técnica Administrativa do Ensino de Primeiro e Segundo Grau da rede estadual e acabou um nome tão comprido, virou Projeto Noturno. Mas então, ele foi gestado em 82 e a proposta que os órgãos da Secretaria da Educação fizeram para as escolas foi exatamente essa, quer dizer, quem quisesse melhorar o seu ensino noturno deveria elaborar uma proposta e essa proposta seria apoiada e receberia ajuda dos órgãos centrais. Então 152 escolas apresentaram propostas de melhoria, fizeram foi o seu projeto político-pedagógico. E eu acompanhei algumas dessas escolas porque eu escolhi como objeto da minha tese de doutorado o Projeto Noturno. Então eu fui a algumas dessas escolas, entrevistei professores, diretores, alunos e etc. E as falas dos alunos foram muito fortes, no sentido de mostrar a importância da escola para eles, então o espaço escolar. E as falas dos alunos foram extremamente tocantes, no sentido de mostrar como a escola era importante para eles. Então, alunos de noturno, a maioria trabalhando durante o dia, com uma série de exigências e que falavam da escola como o local que eles tinham não só para aprender, mas para se socializar, porque era na escola que eles podiam conversar com seus colegas, que eles podiam conversar com seus professores, que eles tinham um ambiente de convivência que eles não tinham em casa. E então, naquela oportunidade, conversando com os alunos, ficou para mim muito claro que a escola é uma oficina de convivência e que esta parte é extremamente importante porque ela socializa os alunos, além do conteúdo que é também muito importante, porque na verdade eu acho que a escola é que garante a reinserção da maioria da nossa população, é a escola que garante a inserção do aluno no mercado de trabalho, nas relações sociais mais amplas, então ela é fundamental.

A gente tem que formar educadores preocupados não só em desenvolver a razão, mas o sentimento e a vontade. Eu acho que você quando forma educadores, quer dizer, quando um professor tem um compromisso de formar pessoas com os seus alunos, o compromisso dele não é de passar conteúdos, até porque isto é muito fácil, hoje a gente tem aí toda uma parafernália na mídia que permite isto. Mas o trabalho do professor é educar, a sensibilidade, ensinar o aluno a enxergar esse mundo, muitas vezes confuso que está aí e atribuir um sentido às coisas. É mostrar para o meu formando que ele tem um papel decisivo. Há um texto que eu gosto muito que é de um, de um educador português, Rui Canário Ele diz que o professor deve ser um profissional das relações, um construtor de sentido, um analista simbólico e um artesão. E eu acho que estas dimensões dão conta de um bom professor, se ele realmente for um profissional das relações, para se comunicar com aluno para poder chegar até o aluno, trazer o aluno para ele, respeitá-lo, aceitá-lo se ele for capaz de conseguir que ele e o aluno descubram o sentido das coisas, que ele consiga, como analista simbólico, que ele se perceba não como um solucionador de todos os problemas, mas como um facilitador de solucionar problemas junto com seus alunos; e um artesão e a idéia dele de artesão é exatamente esta, é ser capaz de pegar todas as coisas, por pequenas que seja, e juntá-las e fazer uma obra. Então, se ele for capaz de fazer isto, eu acho que ele consegue dar conta de formar outros professores, outras pessoas.

Assim como para mim foi muito interessante ter sido convidada para este projeto porque eu fiz um retrospecto da minha vida de aluna e da minha vida profissional, eu acho que eu tenho um tributo de gratidão para com a escola pública que me formou e me formou não só como profissional, mas como pessoa. E um tributo a pessoas da escola pública que me ajudaram a me constituir como pessoa. Então, eu acho que este tipo de gratidão eu só dou conta trabalhando no sentido de ajudar a formar pessoas para trabalhar muito bem com os seus alunos. Eu acho que tenho forças para trabalhar aí por um